

A AVALIAÇÃO COMO PRÁTICA CRÍTICO-REFLEXIVA: O QUE DIZ UM DOCENTE UNIVERSITÁRIO EM MATEMÁTICA

Willyan Ramon de Souza Pacheco; João Paulo da Silva Barbosa; Aparecida Carneiro Pires

*Universidade Federal de Campina Grande – willyanpacheco@hotmail.com
Universidade Federal de Campina Grande – joaopaulo08barbosa@hotmail.com
Universidade Federal de Campina Grande – acppedagoga@yahoo.com.br*

Resumo: Inserimo-nos diariamente em vivências educacionais que nos direcionam a diversos dilemas influenciando o ato de avaliar, colocando-nos como sujeitos possibilitados para diagnosticar o nível de aprendizagem desenvolvida pelo discente. Essa concepção de avaliação como instrumento para compreender o processo de ensino-aprendizagem, tem sido cada vez mais entendida como ação crítico-reflexiva, que oportuniza ao professor visualizar sua prática de modo subjetivo para assim redirecioná-la, ressignificá-la com o objetivo de incluir o sujeito nesse processo e permiti-lo questionar acerca de métodos objetivos, autoritaristas e excludentes. No âmbito universitário, professores buscam constantemente aprimorar o ato de avaliar, desmistificando uma perspectiva limitada e egocêntrica onde o docente centra esse processo e determina como deve seguir cada avaliação. Nesse sentido, objetivamos nesse estudo refletir acerca do processo de Avaliação da Aprendizagem no ensino superior como uma prática crítico-reflexiva, que propicia ao docente diagnosticar as dificuldades encontradas pelos discentes no processo de desenvolvimento. Para que a partir desse diagnóstico possa refletir acerca de sua prática, objetivando redimensioná-la e adequá-la as necessidades dos alunos, produzindo resultados satisfatórios. Com a intenção de compreendermos essa temática com propriedade, realizamos uma pesquisa estruturada abordando o método qualitativo. O intuito foi analisar as concepções que professores que atuam no universo acadêmico possuem acerca do processo de avaliação da aprendizagem. Assim, elaboramos quatro questões abertas e entrevistamos um docente recém-formado que a pouco tempo inseriu-se no ensino superior. Após a obtenção das respostas realizamos uma análise comparativa entre as ideias do docente entrevistado e os estudiosos que refletem sobre esse tema evidenciando os aspectos coincidentes e divergentes entre eles. A metodologia utilizada foi o levantamento de referências bibliográficas relacionadas a temática, dessa forma, refletimos sobre a avaliação da aprendizagem à luz de vários autores que objetivam compreender a avaliação em seu real significado, diferenciando esta dos tradicionais exames que perpetuam no modelo educacional deste os tempos mais remotos até a contemporaneidade. Assim, para a fomentação desta discussão nos foi determinante os estudos de Luckesi (2008), Masetto (2003) e Hoffmann (1993), além de outros autores que foram relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Assim, conclui-se nesse estudo a relevância de adotar práticas significativas que possibilitem ao discente potencializar sua formação, evidenciando-o como sujeito determinante nesse processo que requer uma ação dialógica e humanística, uma relação professor-aluno que oportunize estabelecer instrumentos que proporcionem a dialogicidade, isto é, construídos através da dialogicidade, das especificidades do aluno, das dificuldades, do caráter crítico-reflexivo que sustenta do ato de avaliar.

Palavras-chave: Avaliação, Reflexão, Ensino-aprendizagem, Diálogo.

1. INTRODUÇÃO

Ao analisarmos o cenário educacional percebemos que um dos grandes desafios que professores enfrentam desde décadas passadas se remete ao ato de avaliar, ou seja, o processo de avaliação da aprendizagem. Esse desafio na escolha de metodologias e instrumentos que facilitem essa ação ou que proporcione uma prática mais significativa faz parte da realidade

de docentes que atuam desde os anos iniciais até o ensino superior.

Quando nos referimos à avaliação nos vem à mente as assustadoras provas que são temidas por grande parte dos alunos, gerando ansiedade, desassossego, aflição, enfim, torna-se a gênese da angústia dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem. Essa concepção ocorre por meio da função que parte dos docentes atribuíram a este instrumento, metaforicamente falando, uma balança que objetiva medir os conhecimentos e, assim, comparar o discente com o modelo de aluno idealizado e por fim categoriza-o com um valor, a nota.

Essas referidas discussões, nos instigaram a realizar estudos tanto no espaço acadêmico, quanto extra acadêmico, possibilitando uma problematização ainda maior sobre o tema abordado e concomitantemente nos foi oportunizado refletir sobre esse processo, que além de ser desafiador para muitos docentes também é uma preocupação para os discentes que se encontram em processo de formação inicial.

Dessa forma, refletimos sobre a avaliação da aprendizagem à luz de vários autores que objetivam compreender a avaliação em seu real significado, diferenciando esta dos tradicionais exames que perpetuam no modelo educacional deste os tempos mais remotos até a contemporaneidade. Assim, para a fomentação desta discussão nos foi determinante os estudos de Luckesi (2008), Masetto (2003) e Hoffmann (1993), além de outros autores que foram relevantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Nessa perspectiva, o presente estudo objetiva refletir acerca do processo de Avaliação da Aprendizagem no ensino superior como uma prática crítico-reflexiva, que propicia ao docente diagnosticar as dificuldades encontradas pelos discentes no processo de desenvolvimento. Para que a partir desse diagnóstico possa refletir acerca de sua prática, objetivando redimensioná-la e adequá-la as necessidades dos alunos, produzindo resultados satisfatórios.

Assim, “avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória nem seletiva, ao contrário, é diagnóstica e inclusiva” (LUCKESI, 2002, p. 5). Nesse sentido, a avaliação deve servir como instrumento de inclusão e não de exclusão, sendo realizada de forma contínua em uma perspectiva crítico-reflexiva, permitindo ao docente diagnosticar as dificuldades encontradas pelo discente e, assim, refletir acerca de sua prática.

O que diferencia a avaliação do exame, é que este último é um instrumento classificatório que ao invés de incluir o sujeito no

processo educacional acaba excluindo-o, categorizando-o de acordo com seu desempenho, não objetivando diagnosticar as dificuldades para destinar-se a construção de um melhor resultado possível (LUCKESI, 2002).

Para compreendermos essa temática com propriedade, realizamos uma pesquisa estruturada abordando o método qualitativo. O intuito foi analisar as concepções que professores que atuam no universo acadêmico possuem acerca do processo de avaliação da aprendizagem. Assim, elaboramos quatro questões abertas e entrevistamos um docente recém-formado que a pouco tempo inseriu-se no ensino superior. Após a obtenção das respostas realizamos uma análise comparativa entre as ideias do docente entrevistado e os estudiosos que refletem sobre esse tema evidenciando os aspectos coincidentes e divergentes entre eles.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo deu-se a partir do levantamento de referências bibliográficas relacionados a temática central.

3. A AVALIAÇÃO COMO PRÁTICA CRÍTICO-REFLEXIVA

As concepções pedagógicas que sustentam a avaliação como prática reflexiva, se constituem em posicionamentos críticos que buscam ressignificar e transformar a prática docente numa ação construtiva, que se institucionaliza nas interações, nas experiências e assim nas relações que são oportunizadas no âmbito acadêmico. Nas últimas décadas, o posicionamento técnico e objetivo dos professores ao efetuarem uma avaliação com os discentes, tem sido substituído por relações dialógicas que oportunizam ao aluno refletir quais seriam os instrumentos e metodologias avaliativas que valorizariam os conhecimentos apreendidos no processo de ensino-aprendizagem.

O professor, como sujeito responsável pelo direcionamento desse processo avaliativo, busca inserir-se em modelos que evidenciem nele a competência de viabilizar metodologias que facilitem a apreensão dos conhecimentos, descaracterizando a imagem rudimentar, técnica e objetiva de avaliar. Desse modo, torna-se necessário elucidar no ato avaliativo perspectivas significativas que possibilitem ao docente adotar uma postura crítica de conceber a avaliação como atividade diagnóstica, nunca determinante, mas constituinte.

Oportunizar uma prática que viabilize a construção de avaliações dialógicas e cotidianas, digo de ações humanísticas que evidenciem o aluno como sujeito determinante na constituição de aprendizagens, são necessárias para construir ambientes propícios a socialização dos conhecimentos, ao desenvolvimento

de habilidades e a avaliações subjetivas que visualizem o processo de apreensão e não apenas o resultado final obtido. É nesse aspecto que torna-se imprescindível a sensibilidade docente, o profissional precisa compreender a dimensão humana que está intrínseca no processo avaliativo. Para elucidarmos melhor a avaliação, vejamos de modo objetivo como os PCN's define-a:

Avaliar significa emitir um juízo de valor sobre a realidade que se questiona, seja a propósito das exigências de uma ação que se projetou realizar sobre ela, seja a propósito das suas consequências. Portanto, a atividade de avaliação exige critérios claros que orientem a leitura dos aspectos a serem avaliados. (Brasil, 1997, p. 58)

Nessa perspectiva, a avaliação surge com o objetivo de evidenciar a aprendizagem como ação significativa, isto é, compreendê-la como atividade legitimadora do processo de ensino, buscando ferramentas que possibilitem ao professor investigar os resultados obtidos a partir de uma mediação pedagógica, de uma prática intencional, direcionada a efetivar no aluno a constituição de conhecimentos. O professor, deve então ser visualizado como mediador dessa ação que busca compreender a dimensão do processo de ensino.

Assim, a intencionalidade docente é uma ação indissociável nas práticas avaliativas, uma vez que os profissionais devem estar esclarecidos acerca dos objetivos que o permitirão elucidar. A avaliação deve estar sustentada nessa concepção intencional de direcionamento, de clareza, de orientação que transforma e ressignifica o trabalho pedagógico. Com isso, a avaliação se constrói como um instrumento reflexivo que possibilita ao professor compreender e adequar sua prática as particularidades do contexto ao qual está inserido, fazendo isso através das interações oportunizadas no desenvolvimento das metodologias.

Essas relações são constituídas no âmago da profissão docente. Interações entre professor-aluno, trocas de conhecimento, compartilhamento de informações, questionamentos e inquietações, todas essas características que são manifestadas na prática docente, devem ser consideradas no momento em que a avaliação for pensada, seja para refletir uma ação, seja para compreender e evidenciar a apreensão dos conhecimentos. Nessa acepção, Sant'anna (1995, p.27) reflete:

A avaliação só será eficiente e eficaz se ocorrer de forma interativa entre professores e alunos, ambos caminhando na mesma direção, em busca dos mesmos objetivos. O aluno não será um indivíduo passivo; e o professor, a autoridade que decide o que o aluno precisa e deve saber. O professor não irá apresentar verdades, mas com o aluno irá investigar, problematizar, descortinar e, pelos erros, as melhores alternativas para superá-los.

Nesse aspecto, a avaliação deve ser evidenciada como instrumento que possibilita ao professor e ao aluno compreender as contribuições das práticas pedagógicas na formação integral do sujeito. Sendo a avaliação um processo construído coletivamente, busca-se nela construir e desconstruir conceitos e problemáticas, compreendendo o discente como sujeito imprescindível nesse processo de descobertas e transformações.

No âmbito acadêmico, cada vez mais a avaliação tem se ressignificado, grande parte dos professores não se veem como sujeito detentores do conhecimento, é compreendido que o aluno contribui de forma efetiva no processo de aprendizagem, colocando suas experiências e concepções como ferramenta norteadora no planejamento de metodologias pedagógicas. No ato de avaliar, essas interações contribuem significativamente para a constituição de uma ação flexível que reconheça as especificidades do aluno. A partir dessa relação dialógica, MASETTO (2003, p. 14) ressalta:

No âmbito do conhecimento, o ensino superior percebe a necessidade de se abrir para o diálogo com outras fontes de produção de conhecimento e de pesquisa, e os professores já se reconhecem como não mais os únicos detentores do saber a ser transmitido, mas como um dos parceiros a quem compete compartilhar seus conhecimentos com outros e mesmo aprender com outros, inclusive com os próprios alunos. É um novo mundo, uma nova atitude, uma nova perspectiva na relação entre o professor e o aluno no ensino superior.

Assim, a avaliação no ensino superior se direciona a uma prática dialógica, constituída no âmbito das interações que são oportunizadas nas diversas experiências acadêmicas. Avaliações subjetivas, atividades práticas, seminários, estudos de campo, entre outras, são oportunidades que viabilizam na ação docente uma alternativa para desenvolver metodologias que oportunizem o aluno manifestar de forma concreta as aprendizagens apreendidas no processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, procuramos desenvolver no âmbito de nossas vivências formativas experiências que nos possibilitassem refletir objetivamente como se constitui a avaliação no ensino superior, investigando sistematicamente através de entrevista estruturada, sob termo de assentimento livre e esclarecido, as influências que determinam o docente a adotar diversas práticas avaliativas, evidenciado suas concepções acerca do tema avaliação e suas crenças pessoais no que diz respeito a constituição de práticas dialógicas.

Essa entrevista constitui-se como experiência significativa para a nossa formação discente e nos permite elucidar diversas questões que são inerentes a formação do profissional docente, trazendo perspectivas pessoais e mostrando-se como relevante documento para compreender a avaliação numa determinada disciplina

que culturalmente é visualizada como exata e objetiva. Dessa maneira, compreenderemos de modo sistemático como se constitui no âmbito universitário as práticas avaliativas.

4. ANÁLISE DA ENTREVISTA: AS CONCEPÇÕES DE UM PROFESSOR UNIVERSITÁRIO SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A seguinte análise deu-se a partir de uma entrevista estruturada abordando o método qualitativo, onde objetivamos compreender sistematicamente as concepções de um docente do nível superior, que leciona a disciplina de Matemática, acerca da avaliação da aprendizagem. Utilizamos nessa abordagem referenciais teóricos que nos permitiram analisar e comparar a perspectiva pessoal do docente com a teoria de estudiosos que refletem sobre esse tema, evidenciado assim, os aspectos coincidentes e divergentes entre eles.

Iniciamos a entrevista indagando o sujeito entrevistado acerca da concepção que possui sobre avaliação da aprendizagem. Assim, obtivemos a seguinte resposta:

Avaliar a aprendizagem, a meu ver, é uma tarefa bastante complexa, pois ela é constante. Na minha concepção, ela não deve priorizar apenas o resultado ou o processo, mas a constante investigação sobre os problemas encontrados no decorrer do trabalho docente. É através dela que podemos refletir sobre a nossa prática e buscar mecanismos que possibilitam alcançarmos um ensino reflexivo e uma aprendizagem significativa. (Professor do ensino superior)

Ao analisarmos a fala do professor entrevistado, podemos observar que sua concepção sobre avaliação da aprendizagem está próxima ao real significado deste instrumento que objetiva diagnosticar e auxiliar o aluno no processo de aprendizagem e não deve ser utilizado com o intuito de aprovação ou reprovação (LUCKESI, 2008). Compreendemos que este enxerga a avaliação como um instrumento que oportuniza a reflexão da prática docente, para que esta possa ser ressignificada e construa uma aprendizagem significativa.

Evidenciamos também que este docente não compreende a avaliação da aprendizagem como uma forma de medir conhecimentos ou categorizar o aluno por nota, mas sim, como uma maneira de encontrar as dificuldades que estão postas no processo de aprendizagem. Isso pode ser elucidado na sua fala quando diz que o que deve ser priorizado não é “apenas o resultado ou o processo, mas a constante investigação.

Assim, compreendemos que este docente possui uma concepção de que a avaliação da aprendizagem “é uma tarefa bastante complexa, pois ela é constante”, ou seja, é algo contínuo que exige do processo um olhar sensível e crítico, e deve ser observada cotidianamente. Nesse sentido, o ato de avaliar faz parte do processo de aprendizagem tanto do sujeito que irá realizar essa ação, quanto do aluno que será avaliado.

Dessa forma, é necessário aprender a avaliar. Segundo Luckesi (2008, p. 30):

Aprender a avaliar é aprender conceitos teóricos sobre avaliação, mas, concomitantemente a isso, aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em atos do cotidiano. Aprender conceitos é fácil, o difícil mesmo é passar da compreensão para a prática.

Nessa acepção, o avaliar se torna significativo quando o docente unifica a teoria e a prática, para que a partir da reflexão que as teorias oportunizam sobre prática, o docente seja capaz de aprimora-la e redimensiona-la. Entendemos, então, que o ato de avaliar faz parte do processo de aprendizagem tanto do professor que irá realizar essa ação, quanto do aluno que será avaliado.

Nesse sentido, buscamos refletir acerca dos instrumentos utilizados no processo de avaliação, que para o docente entrevistado é um pouco complexo devido a sua área de atuação. Pois, segundo ele, muitos professores de Matemática limitam-se apenas a avaliação escrita, como se fosse um instrumento único, imutável e suficiente para atender as necessidades dos educandos e acompanhar a evolução de cada sujeito no processo de aprendizagem. O docente nos relatou que:

Por ministrar a disciplina de Matemática, temos uma grande dificuldade no tocante à avaliação da aprendizagem. Pois muitos de nós, professores de matemática, acabam se limitando apenas a avaliação escrita deixando passar despercebidos outros fatores que podem contribuir para entender o processo de ensino-aprendizagem. Eu particularmente, além da prova escrita, eu procuro avaliar o meu aluno pela sua evolução no decorrer da disciplina. Seja por meio de seminários, participação na aula e desempenho individual, pois na hora de formar uma nota, tudo isso é lavado em consideração. (Professor do ensino superior)

Por conseguinte, percebemos em sua fala que diferente de alguns profissionais de sua área, esse sujeito objetiva avaliar o aluno em suas múltiplas especificidades, seja na participação nas aulas, prova escrita, seminários, etc., enfim, é levado em consideração os vários aspectos que evidenciam a evolução do aluno, assim, o processo de avaliação acontece continuamente. Ou seja, o docente particularmente é ciente da existência de outros meios de avaliar para melhorar o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos. Isso pode ser ilustrado na sua fala quando diz: “procuro avaliar o meu aluno pela sua evolução no decorrer da disciplina”.

No entanto, faz parte do trabalho docente verificar e julgar o rendimento dos alunos, avaliando os resultados do ensino, a avaliação está sempre presente em sala de aula, mas é responsabilidade do professor aperfeiçoar suas técnicas.

Seguindo essa perceptiva de que avaliação da aprendizagem deve ocorrer de forma contínua, Luckesi (2012) afirmou em uma oficina pedagógica que “avaliamos o tempo todo. No entanto, quando se trata dos processos de aprendizagem, a avaliação parece tornar-se questão nebulosa, podendo até chegar a um aparente desconforto causado tanto em alunos quanto em professores”. Ou seja, o ato de avaliar torna-se um desconforto quando é substituído pelo exame, não objetivando uma melhoria na aprendizagem.

Ao avaliar o professor deve utilizar técnicas diversas e instrumentos variados, para que se possa diagnosticar e analisar o início, o durante e os resultados de todo o processo avaliativo, para que, a partir de então, possa progredir no processo didático e transformar o que foi insatisfatório em práticas significativas para o processo de aprendizagem dos educandos.

Nessa perspectiva, avaliar é atribuir significado a prática, é redimensionar uma ação a partir das interações sociais que influem sobre o planejamento pedagógico do professor. Assim, avaliar não é rotular, segregar, mas ressignificar uma ação, deve ser uma ferramenta de reflexividade crítica, onde direciona o professor em sua prática docente e o permite redirecionar os caminhos necessários para a efetiva constituição de uma aprendizagem sólida.

Em decorrência disso, nos direcionamos a explorar as concepções avaliativas que o docente entrevistado adotava para si, analisando quais seria para ele a relevância do ato de avaliar, de atribuir uma nota ao processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, o docente nos relatou:

Na minha concepção, leiga a esse respeito, ela serve para nos orientarmos sobre a evolução de cada aluno e assim fazemos. A avaliação escrita é norteadora. Pois, em muitos casos, podemos enxergar através do erro cometido pelo aluno, pontos a serem reforçados na sala de aula e ter uma visão ampla sobre as dificuldades gerais de cada turma. Os sistemas atuais de ensino exigem de nós (professores) uma quantificação da aprendizagem, uma espécie de mensuração para fins expositivos. Sabemos que a aprendizagem é contínua e ocorre em diferentes meios. Enfim, as notas nos dão uma base para acompanharmos o desempenho individual de cada aluno, sendo que essa nota pode ser quantificada de diferentes formas. (Professor do ensino superior)

Com isso, observamos em sua postura um caráter construtivo e reflexivo, evidenciando a avaliação como uma ação norteadora e contínua, uma prática direcionadora que pode ser ressignificada e aprimorada constantemente. Seria a avaliação uma ferramenta que possibilita evidenciar as principais dificuldades encontradas no âmbito da sala de aula, especificamente no processo de aprendizagem.

A relevância de avaliar e atribuir uma nota, nesse sentido, seria orientar a evolução contínua do aluno e, a partir de uma reflexão acerca desse processo, potencializar as dimensões que oportunizam a aquisição dos conhecimentos de modo significativo. Atribuir uma nota seria apenas uma obrigação burocrática a qual esse profissional está submetido, não sendo uma ação que determine ou rotule a competência intelectual dos discentes.

Nessa acepção, as práticas avaliativas são importantes e necessárias para a constituição formal desse processo de aprendizagem, não definindo de forma sistemática a capacidade dos discentes de apreender ou não os conteúdos abordados, mas de possibilitar ao professor uma dimensão reflexiva que oportunize o redimensionamento de sua prática docente. Dessa maneira, a avaliação não se limita ao ato burocrático de atribuir nota, mas sim de atribuir significado e fazer desse significado um instrumento de ressignificação. Acerca dessas questões, Hoffmann (1993, p. 110) ressalta:

O sentido fundamental da ação avaliativa é o movimento, a transformação. Os pesquisadores muitas vezes se satisfazem com a descoberta do mundo, mas a tarefa do avaliador é a de torna-la melhor. O que implica num processo de interação educador e educando, num engajamento pessoal a que nenhum educador pode se furtar sob pena de ver completamente descaracterizada a avaliação em seu sentido dinâmico.

Assim, compreendemos de forma sistemática a avaliação como um processo de reconstrução contínua, onde o professor no âmbito de sua profissão docente irá desenvolver habilidades para construir metodologias que oportunizem de forma objetiva a aquisição de saberes necessários e possibilitem potencializar as competências do discente e seu aprimoramento docente. Sendo assim desenvolvido através da relação professor-aluno, numa interação dialógica que possibilite uma relação humanística e construtiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os fatos abordados, podemos concluir que a avaliação da aprendizagem tem como objetivo maior, diagnosticar as dificuldades e as evoluções dos alunos para que o docente perceba a necessidade de redimensionar sua prática pedagógica, obtendo resultados significativos e satisfatórios no processo de desenvolvimento dos discentes. Dessa forma, a ação avaliativa oportuniza tanto o desenvolvimento do sujeito avaliado, quanto propicia o aprimoramento das competências do avaliador, como também possibilita a construção de novas metodologias e técnicas.

Assim, no ensino superior existem professores que compreendem o ato de avaliar como uma ação crítico-reflexiva, no qual tanto o

discente, quanto o docente se desenvolvem por meio da reflexão desenvolvida sobre a avaliação. Estes desnudam-se dos métodos avaliativos tradicionais e incluem a sua prática pedagógica metodologias que oportunizam o diálogo entre professor e aluno.

Podemos evidenciar também, que docentes do ensino superior que compreendem a relevância da avaliação, constroem e incluem a sua prática uma vasta diversidade de instrumentos norteadores que oportunizam a socialização do conhecimento, como por exemplo: provas, seminários, portfólios, debates, produções textuais, estudo de campo, etc. Porém, é importante que o docente esteja esclarecido que esses referidos instrumentos não são únicos e imutáveis, pelo contrário, sua escolha deve ser realizada de acordo com as necessidades dos alunos, buscando sempre compreender e respeitar as peculiaridades de cada sujeito.

Ouvir os alunos e permitir a prática dialógica entre docente e discentes também constitui-se como um elemento avaliativo. Pois por meio do diálogo o docente pode compreender os desafios que os alunos enfrentam cotidianamente e, assim, construir instrumentos avaliativos ou ressignificá-los a partir das problemáticas existentes nesse percurso.

Nesse sentido, ao realizarmos a análise da entrevista concluímos que inúmeros são os aspectos coincidentes entre as falas do docente e as concepções dos estudiosos que buscam compreender esse processo. De forma clara e sucinta, evidenciamos que o docente compreende a avaliação da aprendizagem como um processo contínuo e complexo, considerando o vasto campo de elementos que constituem a singularidade dos discentes. Além disso, deixou explícito que este instrumento possibilita uma reflexão sobre a prática docente e em hipótese alguma deve ser utilizado com o intuito de medir conhecimentos, mas sim como instrumento potencializador do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, devemos mudar o paradigma de que avaliação é a simples atribuição de uma nota específica para permitir ao discente prosseguir em seus estudos, mas sim uma prática reflexiva que oportuniza ao discente e ao docente se transformar e ressignificar sua prática, de aprimorá-la constantemente e potencializá-la.

Portanto, a avaliação é um ato contínuo que deve ser realizado diariamente por meio de um olhar e de uma escuta sensivelmente crítica. Não deve ser considerado apenas o resultado, mas sim o início e o processo até obtenção dos referidos resultados. É uma ação complexa que exige do professor competência e qualificação para avaliar de forma justa. Por fim, a avaliação direciona a prática docente. Portanto,

ao docente cabe evidenciar nos alunos as dificuldades, ouvi-los, compreendê-los em suas especificidades e adequar-se a uma perspectiva construtivista, dialógica onde o conhecimento é construído coletivamente.

6. REFERÊNCIAS

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: Mito e desafio: Uma Perspectiva Construtiva.** Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Cipriano Carlos Luckesi fala do ato de avaliar.** 2012. Disponível em <<http://www.progresso.com.br/dia-a-dia/cipriano-carlos-luckesi-fala-do-ato-de-avaliar>> Acesso em 05 de setembro de 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições /** Cipriano Carlos Luckesi. – 19. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **Eccos revista científica**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 79-88, 2002.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência Pedagógica do Professor Universitário.** São Paulo: Summus, 2003.

PCN, **Parâmetros curriculares Nacionais.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> . Acesso em: 07/09/2017.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar? critérios e instrumentos.** Petrópolis: Vozes, 1995.